

LEGADO DAS CATEGORIAS NOMINAIS LATINAS

Roberto Arruda de Oliveira (UFRJ/UFC)
rarrudaufc@gmail.com

RESUMO

Vários foram os fatores que influenciaram as transformações linguísticas ocorridas nos casos e declinações latinas. Priorizando o analitismo, as preposições substituíram as desinências casuais, superstitas nas línguas românicas. Dos três gêneros, um, o neutro, deixa resquícios de seu plural, sobretudo no italiano. O acusativo, caso lexicogênico, permanece indelével em sua marca de plural. Nasce o artigo que já existia como pronome demonstrativo no latim clássico. Os adjetivos, tanto os de primeira quanto os de segunda classes, mostram-se presentes, ainda que alterados por metaplasmos, em todas as línguas e dialetos românicos, aos quais fizemos referência: português, espanhol, italiano, francês, romeno, provençal, catalão, sardo, obaldico.

Palavras-chave: Latim. Línguas românicas. Categorias nominais.

Os nomes latinos (substantivos, adjetivos e pronomes) se subordinavam as seguintes categorias gramaticais: gênero, número e caso, reunidos numa só flexão, v.g., *lupos* (acus. masc. pl.). Dividiam-se os substantivos em três gêneros (masculino, feminino e neutro) e dois números (singular e plural)

Por ser uma língua sintética, o latim apresentava as diferentes relações dos nomes nas frases por meio dos *casos*, os quais eram seis: nominativo > *puer*; vocativo > *puer*; genitivo > *pueri*; dativo > *puero*; ablativo > *puero*; acusativo > *puerum*.

Os casos agrupavam-se em cinco declinações, as quais se distinguiam pelo genitivo singular: *nauta*, *-æ* > primeira; *lupus*, *-i* > segunda; *rex*, *regis* > terceira; *fructus*, *-us* > quarta; *dies*, *-ei* > quinta.

Os substantivos de primeira declinação (em *-a*), em sua grande maioria, pertenciam ao gênero feminino; os da segunda (comumente em *-u*) são masculinos, havendo ainda, além de alguns femininos, os do gênero neutro (em *-um*); os da terceira declinação, de terminações variadas, distribuem-se pelos gêneros masculino, feminino e neutro; os da quarta (em *-us*), tirante algumas exceções, são masculinos, havendo ainda neutros (em *-u*); os da quinta, por fim, são femininos, com exceção de *dies* e

de seu composto *meridies*⁶. Toda a sistematização tinha por base as desinências de genitivo.

Ocorria, contudo, que na língua coloquial esta sistematização não era sempre respeitada, o povo, por vezes, sentia-se confuso diante das semelhanças de algumas desinências casuais, como as de primeira e quinta, ou as de segunda e quarta declinações. Daí provém a duplicidade de declinação para algumas palavras: *auarities*, *-ei* ou *auaritia*, *-æ*; *luxuries*, *-ei* ou *luxuria*, *-æ*; *materies*, *-ei* ou *materia*, *-æ*; *domus*, *-us* ou *domus*, *-i*; *fructus*, *-us* ou *fructus*, *-i* etc.

As palavras, então, começam naturalmente a passar de uma para outra declinação: desapareciam assim os grupos cujo número de palavras era menor, sendo eles absorvidos pelos que constituíam a norma mais comum. Assim, das cinco declinações, somente as três primeiras estavam presentes na língua usual do povo. Estas declinações, porém, não permanecem, mas vão paulatinamente sendo substituídas pela tendência ao analitismo: em vez de se usar uma flexão para se formalizar uma categoria gramatical, recorria-se a uma palavra auxiliar. A busca por clareza confere, então, às preposições a mesma função das desinências casuais: em vez do genitivo, aparece no próprio latim clássico ainda, o ablativo com a preposição “de”: *expers partis... de nostris bonis* (TERÊNCIO, *Heaut.* IV, 1, 39); *partem de istius impudentia* (CÍCERO, *Verr.*, II, 1, 12); *nil gustabit de meo* (PLAUTO)⁷ – em lugar do dativo, usa-se o acusativo, regido de “ad”: *ad carnificem dabo* (PLAUTO, *Capt.*, 1019); *ad me magna nuntiauit* (PLAUTO, *Truc.*, IV, 1, 4); *apparet ad agricolas*. (VARRÃO, *De Re Rustica*, I, 40)

Assim, as preposições que só se empregavam antes com o acusativo e o ablativo ou com ambos os casos, aplicaram-se aos demais, tornando-os desnecessários: em lugar do genitivo, usava-se o ablativo regido da preposição “de”; em vez do dativo, o acusativo regido de “ad”. Logo, o acusativo começou a ser usado com qualquer outra preposição, tornando-se ao lado do nominativo, o único caso não sujeito sobrevivente, como nos atesta Charles Hall Grandgent (1952, § 95; § 100):

⁶ *Dies*, no singular, é masculino quando significa verdadeiramente “dia”, o período de 24 horas, quando denota tempo, prazo, dia fixo, ocasião, é feminino. No plural é sempre masculino. Quanto ao composto *meridies*, é sempre masculino e não tem plural.

⁷ Quanto a esta última referência, Charles Hall Grandgent (1952, p. 81) não nos indica a fonte: diz apenas que foi citada por Draeger em sua *Historische Syntax der lateinischen Sprache*, 2. ed., 1878.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ya en el siglo I se hallan testimonios de la confusión del acusativo y el ablativo, pero tal confusión probablemente no se generalizó antes del siglo III. Es muy frecuente el uso de cum con el acusativo: cum discentes suos, cum sodales, en inscripciones (Lat. Spr., página 488); cum epistolam (BECHTEL, p. 95); cum res nostras (D'arbois, p. 27); cum tres pedes, en el siglo VII (C.I.L., IV, 186, 40); cum gentes (PIRSON, en Mélanges Willmotte, p. 508). (...)

Al finalizar al período del latín vulgar quedaban probablemente en el uso verdaderamente popular (salvo en los pronombres y en cierto número de frases hechas) en Dacia sólo tres casos, y en el resto del Imperio únicamente dos: un nominativo y un acusativo-ablativo.

Também confirma o *Appendix Probi* ao registrar as correções *no-biscum* non *noscum* e *vobiscum* non *voscum*, em que “cum” rege acusativo em vez de ablativo, hoje refeitas com reduplicação da preposição.

Em romeno, no entanto, o dativo conservou-se (ocupando também a função de genitivo), embora só no singular de nomes femininos, v.g., *gramatica limbii române*, “gramática da língua romena” (em função de genitivo), *am dat o carte fetei*, “dei um livro à moça” (em função de dativo). O romeno possui também um vocativo em *-e* de origem latina: *cumnate!* “Ó cunhado!”

No que diz respeito ao próprio português, esta questão se simplifica ainda mais, como nos informa Sousa da Silveira (1960, p. 45):

Na Península Ibérica, a parte do Império Romano para onde se dirige constantemente a atenção de quem estuda o português, – o caso sobrevivente da declinação latina foi o acusativo, que é, salvo algumas exceções, aquele donde procedem os substantivos portugueses.

Deste modo, os casos que permaneceram do latim clássico foram o nominativo e o acusativo: em algumas regiões da România prevaleceu o nominativo, em outras o acusativo. O primeiro se manteve, sobretudo em italiano e romeno, o segundo nas demais línguas românicas, nas quais não houve a síncope do *-s* final, como no português e no espanhol. Enquanto na primeira declinação a apócope do *-m* no acusativo singular levava a uma identificação deste caso com o nominativo, v.g. *hora* e *hora(m)*, o mesmo não acontecia na segunda nem na terceira declinação, em que a diferença entre os dois casos era bem distinta, v.g. *hortus* e *hortu(m)*; *avis* e *ave(m)*. O *Appendix Probi* nos comprova a existência de uma tendência a tornar parissilábicos os substantivos da terceira declinação: *pecten* non *pectinis*; *glis* non *gliris*.

Ainda que o acusativo seja considerado o caso lexicogênico, os outros casos deixaram vestígios no português. O nominativo nos deixou a

maioria dos nomes próprios (*Apolo, Marcos, Lucas, Cícero, Carlos, Júpiter* etc.), dos pronomes pessoais e dos demonstrativos. Do vocativo unicamente “*ave-maria*”. O genitivo contribuiu com os patronímicos portugueses: *Fernandes*⁸ (< *Fernandici*), *Soares*⁹ (< *Soarici*) etc. Também nos compostos há vários exemplos de genitivo: *terremoto* (< *terrae + motu*), *aqueduto* (< *aquae + ductu*), *jurisprudência* (< *juris + prudentia*), *agricultura* (< *agri + cultura*) etc. Do dativo provieram os compostos tais como *crucifixo* (< *cruci + fixu*) e as formas nominais *mim* (< *mihi*), *ti* (< *tibi*), *si* (< *sibi*), *lhe* (< *illi*). O ablativo deu origem aos advérbios *agora* (*hac + hora*), *talvez* (*tali + vice*) e ao arcaico *ogano* (*hoc + anno*).

Quanto à primeira *declinação*, tínhamos, de forma simplificada, o seguinte quadro no começo da fase românica:

Singular		Plural	
Nominativo	ansa	Nominativo	anse
Acusativo	ansa	Acusativo	ansas

Observamos aqui que o ditongo *-ae* do plural monotongou-se para *-e*, fato que ocorreu em toda a România no latim vulgar do século I d.C.: *-ae > e* (mais raramente *e*). No singular o acusativo *-a(m)* igualou-se, devido à queda do *-m*, com o nominativo *-a*. Na Itália e na Dácia, porém, ocorreu a apócope do *-s* no acusativo plural, o que levou, devido à similaridade entre o acusativo plural e o singular, à atribuição da pluralidade ao nominativo plural, como nos assegura Édouard Bourciez (1910, p. 245): "Au pluriel, la forme du sujet *caprae* (it. roum. *capre*) s'imposa aussi pour le régime dans les régions de l'Est, où *capra(s)* après l'effacement de *s...* était senti comme un singulier".

casos	l. vlg.	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
N-A-S ⁵	capra	cabra	cabra	capra	chièvre	caprã	cabra	cabra	[κα≐ρα]	caura
G-D-S ⁶	caprae	—	—	—	—	capre ⁷	—	—	—	—
N-A-P ⁸	capras	cabras	cabras	capre	chièvres	capre	cabras	cabres ⁹	[κα≐ρασ]	cauras
G-D-P ¹⁰	capris	—	—	—	—	(capre)	—	—	—	—

Heinrich Lausberg (1981, p. 254), contudo, atribui ao próprio acusativo latino a existência do plural em *-e* para o italiano:

Em italiano, o fato de não se dar a palatalização dum *c, g* antecedente (*va-cche, forche, bocche, pesche, verghe*) leva a tomar como base a terminação *-ās*

⁸ Filho de Fernando.

⁹ Filho de Soeiro.

(*vaccas, furcas, buccas, persicas, virgas*), sendo esta suposição reforçada pelo contraste com a palatalização frequente de *c, g* através do *-ī* da declinação em *-o*. O final *-e* teria evoluído de *-ās* para *-e*, através de **-ai*.

O genitivo-dativo singular latino *-ae* evolui em romeno para *-e*, o que levou a uma coincidência de terminações com a forma do nominativo-acusativo plural: *capre*¹⁰ tanto significa “(as) cabras” como “(à) cabra”, o que parece continuar a forma latina *caprae*, “a cabra”, “as cabras”. A existência de uma forma no genitivo-dativo plural idêntica a estes casos nos é explicado por Heinrich Lausberg (1981, p. 254) da seguinte forma:

Em romeno, teríamos, na realidade... de contar com a continuação da existência do dativo do plural *caprīs, vaccīs*. Contudo as formas romenas do genitivo-dativo do plural *capre, vaci* apresentam uma compensação analógica: o fato de *vaccīs* resultar a forma *vaci*, que coincide com o resultado de *vaccae*, levou à substituição da forma **capri*, a qual seria de esperar para *caprīs*, pela forma do nominativo-acusativo *capre*, de modo que se dá no plural uma identificação da forma do genitivo-dativo com a do nominativo-acusativo, a qual por sua vez é idêntica ao genitivo-dativo do plural.

No processo de redução das cinco declinações a três, estabeleceu-se uma tendência para interpretar como femininos os substantivos que se declinavam pela primeira e como masculinos os que se declinavam pela segunda. Assim, a quinta declinação, incorporou-se em parte à primeira. Não se pode afirmar a rigor, como querem alguns, que houve uma confusão entre a quinta e a primeira declinação. A dubiedade de usos entre os nomes da quinta e os da primeira já havia, ainda no latim literário, nos nomes heteróclitos: *materies, -ei* ou *-ae*; *luxuries, -ei* ou *-ae*; *effigies, -ei* ou *-ae*, como já foi dito.

Essa duplicidade de formas era comum nos nomes com o sufixo em *-ies*, estendendo-se depois a outras palavras. Assim *dies* (onde não havia o sufixo *-ies* transformou-se por analogia em **dia*, donde o port. *dia* e o esp. *dia*): *rabia* (por *rabie*) > *raiva*; *dia* (por *die*) > *dia*. Destarte, as palavras portuguesas *dia* e *raiva* não provieram das formas clássicas *dies* e *rabies* e sim das vulgares *dia* e *rabia*.

Alguns neutros plurais, do mesmo modo, foram também incorporados pela primeira declinação: **folia, -æ* (pl. de *folium*); *fata, -æ* (pl. de *fatum*); **vela, -æ* (pl. de *velum*); **animalia, -æ* (pl. de *animal*).

¹⁰ A forma aqui citada não tem artigo.

Alguns femininos da quarta (*nurus, -us; socrus, -us*) e da terceira (*puppis, -is; pulex, -is; neptis, -is*), adquiriram, por analogia, a desinência *-a*, adaptando-se a esta declinação: *nora, socra, puppa, pulica e nepta*. Já o *Appendix Probi* corrigia: *nurus non nura* (ptg. *nora*, esp. *nuera*, it. *nuora*); *socrus non socra* (ptg. *sogra*, esp. *suegra*, it. *suocera*, rom. *so-acrã*).

Já na segunda declinação, o nominativo singular *-us* distingue-se facilmente do acusativo *-u(m)* pela desinência do nominativo *-s*:

Singular		Plural	
Nominativo	annus	Nominativo	anni
Acusativo	annu,o	Acusativo	annos

Distinção que se manteve bem clara no francês arcaico e no provençal arcaico (*-us > -s; -u > -*), e que desapareceu em favor do oblíquo. O nominativo em *-i* do plural se opõe ao acusativo plural em *-os*, desinência que permaneceu nas línguas que não conhecem flexão de dois casos: somente em italiano e em romeno é que o nominativo em *-i* se impôs. No francês arcaico e provençal arcaico, contudo, havia uma clara distinção entre os dois casos (*-ī > -; -os > -s*), que posteriormente também desapareceu em favor da forma oblíqua. Quanto ao genitivo-dativo do romeno, devemos observar que teve de passar de *-īs* para *-i*, o que levou a uma identidade com o nominativo singular.

casos	l. vlg.	port.	esp.	it.	fr. arc.	fr. mod.	rom.	prov. arc.	cat.	sardo	obv.
N-S ¹²	caballus	–	–	cavallo	chevaus	–	cal	cavals	–	–	–
G-D-S ¹³	caballo	–	–	–	–	–	cal	–	–	–	–
A-S ¹⁴	caballu	cavalo	caballo	cavallo	cheval	cheval	cal	caval	cavall	[kaɖɖo]	cavagl
N-P ¹⁵	caballi	–	–	cavalli	cheval	–	cai	caval	–	–	–
G-D-P ¹⁶	caballis	–	–	–	–	–	cai	–	–	–	–
A-P ¹⁷	caballos	cavalos	caballos	(cavalli)	chevaus	chevaux	(cai)	cavals	cavalls	[kaɖɖos]	cavals

Podemos afirmar que houve uma fusão dos substantivos da quarta declinação com os da segunda. O fenômeno dos heteróclitos – o que havia também na primeira – estava do mesmo modo presente, ainda no latim clássico, nessas duas declinações: substantivos como *fructus, colus, ficus, senatus, tumultus, pinus* tanto podiam ter um genitivo em *-i* como em *-us*. *Domus* apresentava ao mesmo tempo flexões da segunda e da quarta. A quarta declinação era muito limitada: alguns masculinos e neutros, e raros femininos. Terminou por ser incorporada, no latim vulgar, à declinação a que mais se assemelhava, a segunda, bem mais rica. Assim, os substantivos masculinos da quarta declinação terminaram por adotar as terminações dos substantivos de igual gênero da segunda. Assoma-se a

tudo isto a ausência de adjetivos na quarta declinação, ao contrário da segunda. Era então natural para o povo flexionar pela segunda todos os nomes em *-us*.

A terceira declinação, por sua vez, absorveu, dado à semelhança de desinências no acusativo singular, os substantivos da quinta declinação (*solem/soles*, terceira dec.; *rem/res*, quinta):

Singular		Plural	
Nominativo	canes	Nominativo	canes
Acusativo	cane(m)	Acusativo	canes

A diferença se limitava somente aos neutros da terceira, cujo acusativo singular era igual ao nominativo singular. Seguindo um procedimento comum aos neutros, terminaram por adotar as desinências dos masculinos, com as devidas alterações do radical. Ainda assim, algumas palavras da terceira passaram à primeira e a segunda declinações, no intuito de evidenciar o gênero. Deste modo, o *Appendix Probi* registra: *palumbes non palumbus*. Isso se deu devido à consciência, já existente no latim vulgar, de que as desinências *-o* e *-a* eram morfemas de gênero. Só assim se pode explicar, pela necessidade de acentuar o gênero, as seguintes conversões: *passare* > *passaru* > *pássaro*; *grue* > *gruu* (e *grua*) > *grou* (e *grua*); *pulice* > *pulica* > *pulga*; *nepte* > *nepta* > *neta*; *bicorne* > *bicorna* > *bigorna* etc.

Sabemos que a desinência *-a* denota o gênero feminino por corresponder ao acusativo singular da primeira declinação latina *-a(m)*, cujos substantivos eram em geral do gênero feminino; a desinência *-o*, por sua vez, o gênero masculino, por corresponder ao acusativo singular dos substantivos da segunda declinação latina *-u(m)*, a qual, em sua maior parte, era constituída por nomes do gênero masculino. Essas desinências transformadas em morfemas tornaram-se indicativas de gênero.

Algumas palavras da primeira declinação de origem grega, masculinos ou neutros, por terminarem em *-a*, foram tidas no português antigo como do gênero feminino: *cometa*, *planeta*, *fantasma*. Quanto às palavras da segunda que pertenciam ao gênero feminino – como nomes de árvores, cidades e países – transformaram-se em masculino no latim vulgar, e assim no português devido à terminação *-u* (= *-o*, port.): *choupo*, *freixo*, *olmo*, *zimbros*. Outras femininas da segunda, as que designavam nomes de pedras preciosas, permaneceram feminina no português, mas tiveram de passar para a primeira no latim vulgar, e, por isso, possuem no vernáculo uma forma em *-a*: *esmeralda* < *smaragdu*; *ametista* < *ame-*

thystu; *opala* < *opallu*; *safira* < *saphiru*.

Como na terceira declinação as mesmas desinências – marcadoras do gênero em português – não existem, verifica-se uma ausência maior de correspondência dos gêneros em ambas as línguas: *cor* < *colore*, **m.**; *dor* < *dolore*, **m.**; *couve* < *caule*, **m.**; *flor* < *flore*, **m.**; *fonte* < *fonte*, **m.**; *ordem* < *ordine*, **m.**; *parede* < *pariete*, **m.**; *grei* < *grege*, **m.**; *ponte* < *ponte*, **m.**; *pez*¹¹ < *pice*, **f.**; *paul* < *palude* < *padule*, **f.**; *vale* < *valle*, **f.**; *mar* (**f.**, no port. ant. e **m.** atualmente) < *mare*, **n.**

O último substantivo, acima relacionado, conserva a forma feminina arcaica nos compostos *preamar* e *baixa-mar*. Gênero presente em francês (*la mer*) e em espanhol, ainda que este admita ambos os gêneros (*el mar*; *la mar*).

Os neutros, por sua vez, tanto os da segunda quanto os da quarta, absorveram as desinências masculinas da segunda declinação: *templus* (< *templum*), *caelus* (< *caelum*), *fatus* (< *fatum*), *vinus* (< *vinum*) etc. Alguns neutros da terceira tiveram igualmente o mesmo fim: *capus* (< *caput*), *ossus* (< *os*), *vasus* (< *vas*). Neutros, como *cornu* e *veru*, apresentavam também nominativos *cornum* e *verum*. Além disso, alguns substantivos da terceira, como *nepos*, *pulvis*, *passer*, *cucumis* passaram no latim vulgar a **neptus*, **pulvus*, *passarus*, *cucumerus* declinando-se assim segundo *dominus*.

Como os neutros no plural terminavam em *-a*, foram tomados, por analogia, como substantivos femininos, identificando-se, na declinação, com os nomes da primeira. Verificamos isso nas palavras usadas com valor de pluralidade ou de coleção – o que ocorre também com o sufixo *-menta*: *ova*, *lenha*, *vestimenta*.

Não só em português, mas também em outras línguas neolatinas há uma mudança semântica: **italiano**: *il legno* (madeira) ~ *le legna*¹² (lenha); *il ramo* (ramo) ~ *le rama* (ramagem duma árvore); **espanhol**: *leño* (madeira) ~ *leña* (lenha); **sardo**: *linnu* (madeira) ~ *lenna* (lenha); *os* (osso) ~ *ossa* (ossada); **provençal**: *os* (osso) ~ *osa* (ossada).

Em italiano alguns masculinos, de origem neutra, recorreram também à desinência *-a*, tomando então o artigo – devido à perda de

¹¹ Resina que exsuda dos pinheiros.

¹² Há também a forma *la legna*, de mesmo significado. Do mesmo modo, *le frutte* e *la frutta*.

consciência do gênero – a forma do feminino plural: *il labbro* ~ *le labbra*¹³; *l'uovo* ~ *le uova*; *il ciglio* ~ *le ciglia*; *il braccio* ~ *le braccia*.

Com ocorre algumas vezes em português (cf. *ova*, *braça*, *rama*), em italiano, um plural analógico em *-i* opõe-se ao antigo plural em *-a*, semanticamente diferente: **português**: *ovo* ~ *ovos*; *braço* ~ *braços*; *ramo* ~ *ramos*¹⁴; **italiano**: *le ossa* (todos os ossos do corpo) ~ *gli ossi* (os ossos de uma ossada); *le mura* (as muralhas) ~ *i muri* (os muros).

Em romeno se processou aos números a mesma antítese de gênero: *brato* (< *bracchii*) > *bratsul* ~ *bratsele*; *lemn* (< *lignu*) > *lemnul* ~ *lemnele*; *scaun* (< *scamnu*) > *scaunul* ~ *scaunele*.

Conserva o romeno, do mesmo modo, os plurais neutros em *-ora* provindos da terceira declinação latina, convertidos em romeno atual a *-uri*: *corp* (< *corpus*) ~ *corpuri* (fem.); *timp* (< *tempus*) ~ *timpuri* (fem.); *piept* (< *pectus*) ~ *piepturi* (fem.). Analogicamente, o mesmo aconteceu com os nomes pertencentes à segunda: *prat* (< *pratu*) ~ *praturi*; *jug* (< *iugum*) ~ *juguri*. Também com os masculinos da segunda: *foc* (< *focu*) ~ *focuri*; *câmp* (< *campu*) ~ *câmpuri*. E até a alguns provenientes da primeira: *iarbă* (< *herba*) > *ierburi*.

O obváldico também conservou a ideia de coletivo, mas o antigo plural latino foi confundido com o feminino singular: *il bratsch* (braço) ~ *la bratscha* (braços dum homem); *il fegl* (folha) ~ *la feglia* (folhagem); *il lenn* (pedaço de madeira) ~ *la lenna* (lenha) etc.

A confusão do neutro com o masculino havia até mesmo entre os próprios escritores: em Plauto temos, como masculino, *papaver*, *guttur* e *dorsus*; em Varrão, *murmur*; em Lucrécio, *caelus*; em Petrônio, *balneus*, *fatus*, *vasus* e *vinus*. Nas inscrições a confusão é bem maior.

E até alguns substantivos masculinos receberam no plural, por analogia, a desinência *-a*, o que explica a existência em português de palavras como *fruta*, *rama*, *horta*.

Os nomes que designam árvores e frutos não poderiam perdurar no latim vulgar. Como sabemos, os nomes de árvores eram femininos e os dos respectivos frutos eram neutros: *malus* (macieira), *malum* (maçã).

¹³ Há também o plural analógico *i labbri*.

¹⁴ Divisão ou subdivisão do caule ou eixo central das plantas; galho (apud Houaiss).

Como ambas palavras vieram do acusativo, houve uma colisão homônima (*malu*). Um dos significados deveria desaparecer: a denotação de fruto dá lugar ao nome da árvore. O neutro que o designava podia, pelo seu plural, passar à primeira declinação, transformando-se assim em feminino, significando então o fruto isolado. O português *pêra* não vem, v.g., do latim clássico *pirum* e sim do vulgar *pîra* (acus. pl. n.). No italiano e no romeno, o nome da árvore, mantido com a terminação *-us*, torna-se, por analogia, masculino:

latim vulgar	romeno	italiano
persicu	piersic	pesco
persica	piersică	pesca
piru	păr	pero
pira	pară	pera

A mesma alternância encontramos em espanhol: *manzano* (macieira) e *manzana* (maçã).

Não podemos esquecer ainda dos nomes portugueses terminados em *-ão*. A princípio sua flexão de gênero foi determinada pela origem do vocábulo: os que provinham da terminação *-anu* (fem. *-ana*) tiveram o feminino em *-ã*, por evolução fonética regular: *ancião* (< *antianu*), *anciã* (< *antiana*); *irmão* (< *germanu*), *irmã* (< *germana*); os que se originavam da terminação latina *-one* (*-om* no português arcaico) tomaram um feminino distintivo em *-oa*, tendo a primeira declinação como modelo: *leone* > *leom* (fem. *leoa*); *pavone* > *pavom* (fem. *pavoa*). Uma tendência niveladora depois confundiu a primeira distinção etimológica: *faisão* (< *phasianu*), *faisoa*; *hortelão* (< *hortulanu*), *hortelã* e *horteloa*. Nos aumentativos, contudo, por influência espanhola, temos a terminação *-ona* e não *-oa*: *chorão*, *chorona*; *valentão*, *valentona*.

Quanto ao *número*, lembramos que em português, como em muitas línguas românicas, o plural em *-s* se explica pela redução dos casos latinos a um somente, o acusativo: *rosas* (< *rosas*, acus. pl. da primeira declinação), *livros* (*libros*, acus. pl. masc. da segunda dec.), *fontes* (*fontes*, acus. pl. masc. da terceira). Veremos a presença do acusativo plural latino no português, quaisquer que sejam as terminações: em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, e *-ul*: *animal* ~ *animais* < *animaes* < *animales* (por *animalia*); *cruel* ~ *cruéis* < *cruées* < *crudeles*; *covil* ~ *covis* < *coviis* < *covies* < *cubîles* (por *cubilia*); *sol* ~ *sóis* < *soes* < *soles*; *paul* ~ *pauis* < *paues* < *padûles* (por *palûdes*) etc.; em *-em*, *-im*, *-om* e *-um*: *jovem* ~ *jovens* < *juvenes* (de *iuuenes*); *fim* ~ *fîns* < *fines*; *tom* ~ *tons* < *tonos*; *jejum* ~ *jejuns* < *jejunos* (de *ieiunos*) etc.

Devemos ainda fazer referência aos plurais dos nomes terminados em *-ão*. Sua origem se encontra em palavras latinas de diferentes terminações: *-ão* < *-anu* > *mão* < *manu*; *-ão* < *-om* < *-one* > *leão* < *leom* < *leone*; *-ão* < *-om* < *-udine* > *multidão* < *multidom* < *multitudine*; *-ão* < *-ã* < *-ane* > *cão* < *cã* < *cane*.

A convergência para uma terminação única só se operou numa fase tardia, depois que *-ão* e *-om* foram absorvidos por *-ão*. O plural, contudo, resguarda a distinção originária dos respectivos acusativos: *mãos* < *manos*; *leões* < *leones*; *multidões* < *multitudines*; *cães* < *canes*.

A confusão entre palavras de origem diferente levou estas palavras a alguns plurais duplos e até triplos dos quais somente um corresponde à forma de origem: *vilãos* < *villanos* (~ *vilões*); *anciãos* < *antianos* (~ *anciães* e *anciões*).

Sabemos que em latim não havia *artigo*: sua presença nas línguas neolatinas é, pois, uma criação românica. Remonta o artigo ao pronome demonstrativo latino *ille* (pl. *illi*), *illa* (pl. *illae*), “aquele(s)”, “aquela(s)”. Além da forma de nominativo, ocorria o acusativo *illu(m)* (pl. *illos*), *illa(m)* (pl. *illas*), as quais, na *Peregrinatio Aetheriae*, já aparecem com o valor que o aproxima do artigo. Segundo Silvio Elia (1979, p. 210), a redução dessas formas, por motivos de fonética sintática, processou-se tanto à primeira sílaba quanto à segunda sílaba:

Na Gália e nordeste e noroeste da Península Ibérica (não ao centro), de onde se estendeu para o sul, predominou a forma reduzida à sílaba final, provavelmente através de uma acentuação *illúm*, *illám*. No centro da Península Ibérica (Castela) e Itália, venceram as formas reduzidas à primeira sílaba.

Assim, dos demonstrativos com acento na segunda sílaba, temos para o português os artigos *o* (< *lo* < *illu*), *a* (< *la* < *illa*), *os* (< *los* < *illos*), *as* (< *las* < *illas*), formas assim reduzidas por motivos de fonética sintática (*dos livros* < *de os livros* < *de los livros*). O mesmo ocorreu no catalão: suas formas antigas, *lo*, *la*, *los*, *les*, diferem do espanhol, somente no masculino singular, para o qual surgiu uma forma reduzida, *el* (pl. *els*) (*de lo home* < *de l'home* < *del home*), usada também (no singular) antes de palavra feminina iniciada por *a* tônico: *el agua*. Em francês, ficaram somente três formas: *le*, *la*, *les*, provenientes do acusativo. Também do acusativo vieram as formas do provençal, *lo*, *la*, *los*, *las* (para o masculino há também *le* e *el*).

Das formas latinas com acento na primeira sílaba, sobrevém em italiano a forma do masculino singular *il* (há também *lo*, usado antes de

“s + consoante” [*lo studio*] ou de vogal, com elisão do *l'* (*l'articolo*). O plural possui duas formas: *i* (*i pronomi*) e *gli* (*gli articoli*). Para o feminino há o singular *la* (com elisão antes de vogal), e o plural *le*, que não se elide: *la lingua, le lingue, le idee*.

Caso especial é o artigo do sardo e o do romeno: o primeiro por derivar de *ipsu, ipsa*, o segundo por seu uso enclítico. As formas sardas são *su* (< *ipsu*), *sa* (< *ipsa*), *sos* (< *ipsos*), *sas* (< *ipsas*), as quais provêm das formas latinas com acento na segunda sílaba. O romeno, ao contrário das demais línguas românicas, pospôs o artigo ao substantivo: *-le* (< *ille*, nom.) para o masculino singular terminado em *-e* (*munte* > *muntele*), *-(u)l* (< *illu*, acus.) para os demais nomes masculinos (*lupu* > *lupul*; *domn* > *domnul*), *-a* (< *illa*, acus.) para o feminino singular (*curte* > *curtea*), *-î* (< *illi*, nom.) para o plural masculino (*socri* > *socriî*) e *-le* (< *illae*, nom.) para o plural feminino (*case* > *casele*). Além dessas formas, comum às outras línguas, o romeno conservou as formas do dativo-genitivo: *-lui* (< *illui*) para o masculino singular (*elev* > *elevului*), *-lor* (< *illoru*) para o masculino plural (*elevi* > *elevilor*), *-ei* (< *illaei*) para o feminino singular (*doamna* > *doamnei*) e *-lor* (< *illoru*, por *illaru*) para o feminino plural (*case* > *caselor*).

Os *adjetivos*, por sua vez, ao contrário dos substantivos que constituíam declinações à parte, dividiam-se em dois grupos: os de primeira classe, que acompanhavam a primeira e a segunda declinação dos substantivos, e os adjetivos de segunda classe, declinados pela terceira declinação. Os adjetivos de primeira classe apresentam-se nos dicionários latinos em três formas: um para o masculino, outra para o feminino e uma terceira forma para os neutros (*bonus, -a, -um*). Os de segunda classe, por sua vez, podiam ser triformes, (uma forma para cada gênero, como *celeber, -bris, -bre*), biformes (uma forma para o masculino e feminino e outra para o neutro, como *brevis, -e*) e uniformes (uma forma para os três gêneros, como *sapiens, -entis*).

No latim vulgar os de primeira mantiveram-se biformes (*caru/cara*) e os da segunda tornaram-se uniformes (*breve*, para os dois gêneros). Assim, no português e nas línguas neolatinas, de um modo geral, haverá a duplicidade *-o/-a* assim como os adjetivos uniformes terminados em *-e*. Em francês houve a queda do *-o* final e a passagem do *-a* a *-e*.

gên.	l. vlg.	port.	esp.	It.	fr.	rom.	prov. ant.	cat.	sardo	obváltico
Masc.	bonu	bom	bueno	buono	bon	bun	bon	bo	bonu	buns/bien ¹⁵
Fem.	bona	boa	buena	buona	bonne	bunã	bona	bona	bona	buna
Masc.	virde	verde	verde	verde	vert	verde	vert	verd	birde	verds/verd
Fem.	virde	verde	verde	verde	verte	verde	vert	verda	birde	verda

Em romeno o *-a* final transformou-se em *-ă*, som semelhante ao *e* mudo francês, como em *petit*. O plural se baseia no nominativo: *buni*, *bune*. As formas provenientes do adjetivo de segunda classe apresentam uma só forma no singular em *-e* e outra no plural em *-i*: *verde*, *verzi*.

Houve, contudo, mudanças de classe. *Firmu* (no latim clássico *firmus*, *-a*, *-um*), v.g., que deu o italiano *fermo*, gerou no antigo francês e no provençal a forma *ferm*, donde o português e o espanhol *firme*. *Triste* (no latim clássico *tristis*, *-e*), de igual forma no português e no espanhol, transformou-se no italiano na forma *tristo*.

O próprio *Appendix Probi* registra algumas dessas formas, como o adjetivo *acre* (no latim clássico *acer*, *acris*, *acre*) transformado em *acru* no vulgar: *acre non acrum*. Daí o italiano *agro*, o romeno *acru* e o sardo *agru*. No *Appendix Probi* encontramos também a forma *paupera*: *pauper mulier non paupera mulier*. A forma clássica *pauper*, *-eris* se apresenta como de primeira classe no latim vulgar, *pauper*, *-era*, *-erum*. Daí o italiano *povero*, *-a* e o sardo *pabaru*. O português e o espanhol, por outro lado, conservam a forma latina *pobre*.

Outro “erro” que o *Appendix Probi* condena é *tristus*: *tristis non tristus*. Daí o italiano *tristo* e o sardo *tristu*. A forma *triste* do português, espanhol e do italiano talvez tenha entrado no idioma, afirma Heinrich Lausberg (1981, § 676), por via erudita. Ao que parece, o latim falado sentia falta, no que diz respeito aos adjetivos uniformes, de uma terminação feminina característica:

Aos adjetivos da terceira declinação latina falta uma terminação feminina característica (visto os adjetivos de três terminações passarem a adjetivos de duas terminações). Já em latim vulgar se verifica por isso uma medida contra este estado de coisas na tendência para a formação de um novo feminino em *-a* para o qual se pode, por sua vez, reconstituir o masculino em *-us*, de tal modo que a finalidade (nem sempre alcançada) desta tendência é de uma maneira geral a passagem para a declinação em *-o*, *-a* dos adjetivos da terceira declinação: latim vulgar *tristus*, *acrus* (< *tristis*, *acer*).

¹⁵ No obváltico há uma diferença entre a forma predicativa e a atributiva: a predicativa é a forma correspondente ao nominativo singular latino (*buns* < *bonus*; *verds* < *viridis*) ao passo que a atributiva ao oblíquo (*bien* < *bonu*; *verd* < *virde*) (cf. LAUSBERG, op. cit., § 670).

Muitos, porém, não sofreram estas alterações, ao contrário, mantiveram a mesma uniformidade dos adjetivos de segunda classe. Exemplo disso são os adjetivos em *-ense* e *-ore*. No português arcaico dizia-se *moller português*, como no espanhol também se dizia *provincia cartaginês*. Hoje dizemos, respectivamente, *portuguesa*, *cartaginesa*, ainda que sejam ditos *mulher cortês*, *cabra montês*, *galinha pedrês*. Em francês há também vestígios desta mesma invariabilidade de gênero na antiga forma *grant* em *grand-chambre*, *grand-chose*, *grand-choix*, *grand-mère* como também em advérbios em *-ment*: *savamment*, *puisamment*. Quanto às formas em *-ore*, percebemos sua presença somente no português antigo, sobretudo na construção *mia senhor*.

Com relação aos *graus*, dois são os processos, quer substantivos quer adjetivos: o sintético e o analítico. O primeiro se vale de sufixos, como *casarão*, *casinha*, ou *maior*, *menor* e *mínimo*; o outro, de adjetivos e advérbios, como *casa grande*, *casa pequena* ou *mais útil*, *menos útil*, *tão útil*, *o mais* ou *o menos útil*.

Raríssimos eram em latim os sufixos aumentativos, uma vez que os romanos recorriam de preferência ao método analítico. Os diminutivos, em contrapartida, eram mais frequentes. O motivo talvez esteja na predominância de valores afetivos nestas formas o que levava o povo a sentir nestas palavras um grau positivo. O *Appendix Probi* denuncia na correção *auris non oricla* (< *auricula*) este valor positivo. Assim como “orelha” que provém de *auricula*, através da síncope do *-u-* e da conseqüente palatalização do grupo *-cl*, outras tantas palavras portuguesas – e neolatinas – provém dos diminutivos latinos: *abelha* < *apicla* < *apicula*; *ovelha* < *ovicla* < *ovicula*; *orla* < *orula*; *rolha* < *rotula* etc.

O *Appendix Probi* corrige ainda a forma sincopada do diminutivo latino *vetulus*, proveniente de *vetus*, *-eris*: *vetulus non veclus*. Daí o português *velho*, o espanhol *viejo*, o italiano *vecchio* e o francês *vieil*.

Quanto à gradação dos adjetivos, é patente que o comparativo e o superlativo sintéticos perderam seus valores, tornando-se meros intensificadores do sentido da palavra. Sabemos que sua formação consistia no acréscimo dos sufixos *-ior* (masculino e feminino) e *-ius* (neutro) ao radical: *probior*, *probius*. O superlativo, por sua vez, forma-se, as mais das vezes, por meio do sufixo *-issimus* e, em poucos casos, com os sufixos *-rimus* e *-limus*: *probissimus*, *liberrimus*, *facillimus*.

Ao lado dessas formas, bem mais aceitas pelo latim vulgar eram as formas analíticas constituídas pelo adjetivo no grau positivo e os ad-

vérbios *plus* ou *magis* (v.g.: *plus formosus, magis praeclarum*), como atesta Charles Hall Grandgent (1952, § 74): "*Plus y magis se usaban cada vez más para la comparación, y las antiguas formas de comparativo y superlativo se hicieron más raras*".

Estas formas deram origem ao comparativo nas línguas neolatinas: algumas preferiram *magis*, outras adotaram *plus*:

lat. vulg.	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
plus altus	–	–	più alto	plus haut	–	plus alt	–	plus altu	pli aut
magis altus	mais alto	más alto	–	–	mai ñalt	mais alt	més alt	–	–

Faz-se mister mencionar que no português arcaico havia uma forma proveniente de *plus*, **chus**, segundo Joseph Huber (1986, § 319), de origem galega: *chus negro*, “mais negro”; *chus pequeno*, “mais pequeno”.

Ainda assim, alguns vestígios do comparativo sintético latino sobrevivem nas línguas neolatinas:

lat. vulgar	port	esp.	it.	fr.	prov. ant.	cat.	sardo
maiore	maior	mayor	maggiore	<i>maire</i> ¹⁶	major	major	madzore
minore	menor	menor	minore	moindre	menor	menor	minore
meliore	melhor	mejor	migliore	meilleur	melhor	millor	–
peiore	pior	peor	peggiore	pire	pejor	pitjor	–

Estas formas sintéticas não impedem, todavia, a manifestação da tendência analítica: em espanhol se diz *más grande*, em francês *plus grand*; em Portugal, é comum o uso da forma *mais pequeno*. Em romeno, também os comparativos sintéticos deram lugar à forma analítica com *magis*: em vez do latim *melior*, v.g., recorreu a *magis bonu*, daí, *mai bun*.

O superlativo, por sua vez, deve ser entendido em sua forma sintética e analítica. O superlativo absoluto sintético latino era formado por vários sufixos (*-issimus*, *-rimus*, *-limus*) que sobrevivem no português: *altíssimo*, *nigérrimo*, *facílimo*. Para a formação do analítico havia duas possibilidades: a prefixação (com *per-*, *prae-*, *super-*) e o acréscimo de um advérbio (*maxime*, *valde*, *multum*, *admodum*, *summe*, *mire*).

O prefixo *per-* (*periucundus*) ou *prae-* (*praemitis*) permanece em

¹⁶ Presidente da Câmara.

romeno sob a forma *prea* (*prea bun*, “muito bom”) que é sentido como advérbio, pois há a possibilidade de ser trocado por *foarte*. De *per-* temos ainda, no francês antigo, a forma *par* que pode se separar de seu adjetivo: *a pār est gránz* (< *permagnus est*). O latim *trans-* (v.g.: *translucidus*) generalizou-se em francês como advérbio elativo¹⁷: *très grand*, “muito grande”. *Trans-* gerou também, em italiano antigo, o prefixo *tra-* denotador de intensidade: *trafreddo*, “muito frio”. Outro prefixo latino presente no italiano é *stra-*, originário de *extraordinarius*: *strafelice*, “felicíssimo”, *straccontento*, “contentíssimo”, *strafine*, “finíssimo”.

Dos advérbios elativos latinos damos como exemplo *multum*, o qual continua em boa parte das línguas românicas: port. *muito*, esp. *muy*, it. *molto*, prov. ant. *molt*, cat. *molt*. Em romeno o advérbio elativo é *foarte*, derivado de “forte”, tem sua origem na elação verbal latina (*fortiter resistere hosti*). Do mesmo modo, o francês se vale também desta forma (v.g.: *fort gentil*). Dois dialetos do reto-romano, o obváldico e o engadino, foram buscar seus advérbios de intensidade no latim *fictu*, “fixo” (obv. *fetg bi*, “muito belo”, engad. *fich bal*, “muito belo”). Há uma enorme quantidade de formas para o elativo que provêm, as mais das vezes, da necessidade de expressão das emoções (v.g.: port. bras. *pra lá de*, o it. *freddo freddo* etc.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURCIEZ, Édouard. *Éléments de linguistique romane*. Paris: C. Klincksieck, 1910.

ELIA, Sílvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

GRANDGENT, Charles Hall. *Introducción al latín vulgar*. 2. ed. en reproducción fotográfica. Traducción del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antología por Francisco de Borja Moll. Madrid: Revista de Filología Española, 1952.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Trad.: Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Trad.: Marion Ehrhardt e

¹⁷ São os que exprimem um elevadíssimo grau de qualidade: **muito** alto, **muito** baixo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. São Paulo: Livros de Portugal, 1960.